

X Assembléia Geral dos Conselhos Nacionais de Geografia e de Estatística

Realizou-se no correr da primeira quinzena de setembro do corrente, a décima Assembléia Geral dos Conselhos Nacionais de Geografia e de Estatística, órgãos componentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A instalação teve caráter solene, e foi levada a efeito a primeiro de setembro, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com a presença do representante do senhor presidente da República, altas autoridades, delegados federais e regionais e representantes de instituições culturais e científicas do país.

O embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do I. B. G. E., e, que presidiu os trabalhos, saudou os delegados às Assembléias, nos seguintes termos: "Exm.^o Sr. representante do presidente da República. Exmos. Srs. representantes dos ministros de Estado e demais altas autoridades. Srs. delegados às Assembléias Gerais do Conselho Nacional de Estatística e do Conselho Nacional de Geografia. Minhas senhoras e meus senhores.

Não é sem profundo regozijo cívico que, na qualidade de presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, declaro instalados os trabalhos da X Sessão das Assembléias Gerais do Conselho Nacional de Estatística e do Conselho Nacional de Geografia. Em nenhum momento a meu ver, mais alto se impõe a todos os espíritos com viva realidade, a força dos princípios em que se baseia o I. B. G. E., do que nesta hora culminante de nossas atividades profissionais, em que nos reunimos, em assembléias anuais, para a consolidação das vitórias obtidas, a fixação de novos planos de trabalho e, se fôr o caso, a revisão de diretrizes anteriormente assentadas.

Creio que não haveria presunção se quiséssemos apontar, em nossas realizações, no campo da Estatística e da Geografia, a consagração vitoriosa de um pensamento político que bem pode ser considerado o caminho mais certo e conveniente para a solução de muitos dos nossos problemas fundamentais. Com efeito. Os quinze anos de atividades do I. B. G. E. representam, nos seus resultados

indiscutíveis, uma demonstração prática de quanto se pode obter nos países de regime descentralizado, com o recurso à cooperação interadministrativa.

Em oportunidades semelhantes à que ora nos congrega nesta casa ilustre onde as imagens e as ressonâncias do passado revigoram nos corações, com uma força nova, a presença e o sentimento do Brasil — não me tenho cansado de encarecer o significado dessas reuniões, em que, no exercício de um alto mandato, representantes da União e dos estados se confundem no mesmo esforço construtivo, para o trato de assuntos de interesse comum. Se pessimismo ainda pudesse haver em tôrno das virtualidades do sistema da cooperação intergovernamental, como instrumento de progresso, de valorização dos recursos materiais e humanos de que dispomos para superar as nossas dificuldades, bastaria indicar aos pessimistas e incrédulos o exemplo que oferecem a Estatística e a Geografia, para que também êles sentissem os efeitos maravilhosos a que pode conduzir a coordenação, no plano das atividades públicas, das energias e vontades atuantes nas três órbitas do governo.

Quando o poeta nos advertia de que "a perfeição é a morte", êle tinha presente, decerto, que só se mantêm ricos de vida e seiva os ideais que, ainda quando realizados, em si mesmos encontram o ímpeto e o arrôjo para novas investidas e novas conquistas. Assim há de ser, com efeito, em tôdas as construções do espírito humano.

Se nos detivermos, até para cumprir, em breve síntese, um rígido preceito regimental, a balancear os resultados positivos que se assinalam nos diferentes campos de atividades do Instituto, desde quando vos reunistes, há pouco mais de um ano, na cidade-máter, na Salvador gloriosa, quatro vêzes centenária, — logo haveremos de verificar que os nossos esforços não foram inúteis nem traímos os nossos deveres para com o Brasil.

No setor da Estatística, cada vez mais se vão aperfeiçoando os nossos inquéritos e pesquisas, graças sobretudo à rêde de coleta

municipal que resultou dos Convênios Nacionais celebrados em 1942; alargam-se os objetivos das nossas perquirições numéricas; e a divulgação dos seus resultados, sob múltiplas formas, adquire uma regularidade bastante significativa.

Cabe ressaltar, por outro lado, como verdadeiros marcos da cultura nacional, as realizações verificadas no setor geográfico do Instituto, através de um esforço sistemático em prol do melhor conhecimento do território brasileiro, e cujos resultados finais se refletem na carta geral ao milionésimo, da qual já foram lançadas 37 fôlhas.

E não esqueçamos de referir, com um regozijo que a todos nos toca por igual, as excelentes condições de eficiência em que pôde o Instituto realizar, êste ano, o VI recenseamento geral do Brasil, desobrigando-se dessa forma de um dos mais pesados e difíceis encargos colocados sob a sua responsabilidade técnica e administrativa. Resta-nos apenas, a esta altura, persistir no empenho, que vos asseguro ser o mais sincero e vigilante, de entregar ao país, dentro do menor prazo possível, a fim de que o conhecimento objetivo de nossas realidades econômicas e sociais possa orientar a ação construtiva daqueles sôbre quem as conclusões da grande operação censitária implicam responsabilidades maiores, na orientação política e administrativa dos destinos do Brasil.

Dentro do país, não nos têm faltado a colaboração e o apoio de tôdas as forças morais sem cuja compreensão e ajuda bem pouco nos teria sido dado realizar. Podemos regozijar-nos, também, com a projeção que as nossas atividades técnicas vão alcançando nos círculos internacionais, traduzida em pronunciamentos altamente honrosos de congressos e assembléias de especialistas, quanto ao mérito das contribuições que já podemos levar-lhes.

Mas, se é certo que êsse balanço de realizações — devidas, na sua quase unanimidade, ao devotamento e ao patriotismo dos que lavram as nossas searas — nos tranqüiliza quanto ao dever cumprido, não é menos certo que nos cabe, antes de tudo, captar na obra realizada novas sugestões e estímulos para a continuidade do mesmo esforço, no sentido de um constante aperfeiçoamento. Como o admirável coordenador de energias, a serviço do bem comum, que foi OSVALDO CRUZ, verdadeiro místico da ação, também a nós incumbe, como um alto e irrecusável

dever, “não desaminar, para não desmerecer”.

Ao dirigir-vos, senhores conselheiros, as minhas saudações mais efusivas e cordiais, quero manifestar-vos a certeza de que os vossos trabalhos terão a inspirá-los, como em tôdas as outras oportunidades em que estivesdes reunidos, os mesmos elevados sentimentos de solidariedade cívica e humana, a mesma constante preocupação de engradecimento da obra do Instituto, a mesma devoção patriótica à unidade, ao progresso, à grandeza do Brasil”.

Falaram ainda os engenheiros FLÁVIO VIEIRA e SEBASTIÃO SANTANA e SILVA, pela representação federal; o Dr. BUENO AZEVEDO FILHO e Prof. JOAQUIM RIBEIRO COSTA, em nome dos delegados estaduais. Os secretários-gerais dos Conselhos de Geografia e de Estatística, engenheiros VIRGILIO CORRÊA FILHO e RAFAEL XAVIER, fizeram a chamada dos delegados à Assembléia, a qual ficou assim constituída: 1) Assembléia de Geografia, a) delegação federal: Ministério da Aeronáutica, major aviador ALMIR DE SOUSA; Ministério da Agricultura, engenheiro ALBERTO ILDEFONSO ERIKSEN; Ministério da Educação, professor JOÃO CAPISTRANO RAJA GABAGLIA; Ministério da Fazenda, GASTÃO CASTRO CUNHA; Ministério da Guerra, coronel EDMUNDO GASTÃO DA CUNHA; Ministério da Justiça, Dr. EUGÊNIO VILHENA DE MORAIS; Ministério da Marinha, almirante ANTÔNIO GUIMARÃES; Ministério das Relações Exteriores, ministro ARTUR GUIMARÃES BASTOS, e Cel. RENATO RODRIGUES PEREIRA BARBOSA; Ministério do Trabalho; engenheiro PÉRICLES MELO CARVALHO; Ministério da Viação, engenheiro FLÁVIO VIEIRA; Conselho Nacional de Estatística, engenheiro MOACIR M. F. SILVA; Prefeitura do Distrito Federal, engenheiro VALDEMAR PARANHOS DE MENDONÇA; Instituições Culturais, Dr. FRANCISCO DE SOUSA BRASIL — Território do Guaporé, LAFAIETE P. GUERITÓRIO do Amapá, PAULO PEREIRA TÔRRES; Território do Guaporé, LAFAIETE P. GUIMARÃES; Território do Rio Branco, José BORGES. b) delegação regional: Alagoas, professor ALOÍSIO DIAS; Amazonas, professor AMÉRICO SOARES, Bahia, engenheiro LAURO DE ANDRADE SAMPAIO e LUÍS EDMUNDO PINTO; Ceará, professor TOMÁS GOMES DA SILVA; Espírito Santo, CÍCERO DE MORAIS; Goiás, MÁRIO VASCONCELOS CAVALCANTE; Maranhão, MARIA JOSÉ SAM-

PAIC DE FREITAS; Mato Grosso, EVERAL PIMENTEL; Minas Gerais, engenheiro VALDEMAR LOBATO; Pará, professor ERNESTO CRUZ; Paraíba, ISMÁLIA BORGES; Paraná, Cel. ADIR GUIMARÃES; Pernambuco, Dr. MÁRIO DE MELO; Piauí, Dr. MANUEL DIEGUES JÚNIOR; Rio de Janeiro, engenheiro LUÍS DE SOUSA; Rio Grande do Norte, professor EWERTON DANTAS CORTEZ; Santa Catarina, engenheiro VÍTOR ANTÔNIO PELUSO JÚNIOR; São Paulo, BUENO DE AZEVEDO FILHO; Sergipe, professor ALFREDO MONTES DE ARAÚJO PINTO. 2) Conselho Nacional de Estatística: a) delegação federal: Ministério da Justiça, Dr. RUBENS PÔRTO; Ministério da Fazenda, SEBASTIÃO DE SANTANA E SILVA; Ministério da Agricultura, RAUL LIMA; Ministério do Trabalho, GASTÃO QUARTIN PINTO DE MOURA; Ministério da Guerra, major DURVAL CAMPELO DE MACEDO; Ministério da Marinha, comandante MANUEL RIBEIRO ESPÍNDOLA; Ministério da Aeronáutica, major ÁLVARO BARBOSA; Ministério da Viação, engenheiro MOACIR M. F. SILVA; Ministério das Relações Exteriores, conselheiro CARLOS ALBERTO GONÇALVES; Ministério da Educação, ALBERTO MARTINS; Território do Acre, Dr. MESQUITA LARA; Território do Amapá, Dr.

CLÓVIS PENA TEIXEIRA; Território do Guaporé, Dr. CARLOS DE MENDONÇA; Território do Rio Branco, Dr. PAULO SCHMIDT. b) delegação regional: Alagoas, Dr. CID CRAVEIRO COSTA; Amazonas, Dr. MANUEL ALEXANDRE FILHO; Bahia, Dr. FILIPE NÉRI DO ESPÍRITO SANTO; Ceará, Dr. TOMÁS GOMES DA SILVA; Distrito Federal, major DURVAL DE MACALHÃES COELHO; Espírito Santo, Dr. ANTÔNIO LUGON; Goiás, Dr. MOACIR MARTINS DE OLIVEIRA; Maranhão, Dr. HIPÁTIA DAMASCENO FERREIRA; Mato Grosso, D. HORMINDA PINTALUGA DE MOURA; Minas Gerais, Dr. JOAQUIM RIBEIRO COSTA; Paraíba, Dr. LUÍS DE OLIVEIRA PERIQUITO; Paraná, Dr. NÉLSON BITTENCOURT PRADO; Pernambuco, Dr. PAULO PIMENTEL; Piauí, Dr. ARTUR FURTADO FILHO; Rio de Janeiro, Dr. ALDEMAR ALEGRIA; Rio Grande do Norte, Dr. ADERBAL FRANÇA; Rio Grande do Sul, Dr. REMI GORGA; Santa Catarina, Dr. ROBERTO LACERDA; Sergipe, professor JOSÉ CRUZ.

No dia 2 reuniram-se separadamente as duas Assembléias, a de Estatística na sede do I.B.G.E. e a de Geografia na nova sede do C.N.G., prosseguindo-se os trabalhos até o dia 12 de setembro.



Fig. 1 — O embaixador MACEDO SOARES, presidente do I.B.G.E. preside uma das reuniões, ladeado pelos professores VIRGILIO CORRÊA FILHO e JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, secretário-geral e assistente, respectivamente do C.N.G.



Fig. 2 — Outro aspecto dos trabalhos da Assembléa Geral do C.N.G. sob a presidência do Eng. FLÁVIO VIEIRA

Assembléa de Geografia

Realizou-se a primeira sessão ordinária no dia 2 sob a presidência do embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, secretariada pelo engenheiro VIRGILIO CORRÊA FILHO, secretário-geral do Conselho e professor JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, secretário-assistente do Conselho.

Saudando os delegados, falaram os engenheiros VIRGILIO CORRÊA FILHO e FLÁVIO VIEIRA. Após estas formalidades, foram constituídas as seguintes comissões: *Comissão de Orçamento e Tomada de Contas*, engenheiro FLÁVIO VIEIRA, major aviador ALMIR DE SOUSA MARTINS, Dr. PAULO PEREIRA TÔRRES, Dr. BUENO DE AZEVEDO FILHO, Dr. LUÍS DE SOUSA e Dr. MÁRIO DE MELO; *Comissão de Coordenação*: Dr. RUBENS GUEIROS, Dr. FRANCISCO DE SOUSA BRASIL, ISMÁLIA BORGES, Dr. LAURO SAMPAIO, professor AMÉRICO SAMPAIO e o engenheiro VIRGILIO CORRÊA FILHO; *Comissão de Redação*: professor JOÃO CAPISTRANO RAJA GABAGLIA, Dr. VALDEMAR PARANHOS DE MENDONÇA, Dr. EUGÊNIO VILHENA DE MORAIS,

Dr. VALDEMAR LOBATO, Dr. MANUEL DIEGUES JÚNIOR e Dr. VÍTOR PELUSO JÚNIOR.

As comissões acima ficaram constituídas de delegados das representações federais e regionais, como se vê.

Nos dias subsequentes foram debatidos assuntos constantes do programa dos trabalhos, destacando-se a contribuição de cada delegado, quer apresentando circunstanciados relatórios das atividades dos diretórios regionais em cada unidade da Federação, quer na atuação de cada um nos debates desenvolvidos durante as reuniões, ou ainda trazendo ao seio da Assembléa, problemas de palpitante interesse regional ou comum. No bôjo de cada relatório apresentado, encontram-se condensados os resultados de pesquisas, levantamentos, demarcações, e, todas as atividades de cada Diretório no período que medeia entre a realização da última e da presente Assembléa.

Para maior unidade e melhor compreensão dos trabalhos levados a efeito pelas duas alas do I.B.G.E., em suas reuniões ordinárias, houve entre as Assembléas, em caráter de visitas, reuniões em comum.



Fig. 3 — Aspecto de uma das reuniões ordinárias



Fig. 4 — O Eng. Luís de Sousa, representante do E. do Rio, preside a uma das reuniões

Visitas

Fazendo parte do programa dos trabalhos, constaram três visitas de caráter geográfico, uma ao Serviço Geográfico do Exército, outra à Divisão de Geografia do Conselho, e uma outra ao Monumento Rodoviário, na estrada Presidente Dutra.

Assim é que no dia 6 houve a visita ao Serviço Geográfico do Exército, instalado no morro da Conceição. Recebidos os delegados pelo general DJALMA POLI COELHO, diretor daquele Serviço, pronunciou este breve oração, salientando o papel importante que tem na vida do país, a estatística e o mapeamento, aos quais se deve dar toda a atenção. Em nome dos delegados falou o Dr. CÍCERO DE MORAIS, representante do Espírito Santo, destacando os trabalhos eficientes levados a efeito pelo Serviço Geográfico do Exér-



Fig. 5 — Outro aspecto dos trabalhos da Assembléia Geral



Fig. 6 — O Eng. LUÍS DE SOUSA lê o relatório das atividades do D.R.G., do Estado do Rio

cito. Os visitantes percorreram as diversas dependências daquele importante órgão do Exército, onde tiveram ocasião de ver um dos mapas do Brasil, levantado em 1798, pelo capitão de fragata ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES, obra de primeira ordem para a época.

A visita às Divisões de Geografia e de Cartografia, deu-se nos dias seguintes. Ali foram os senhores delegados recebidos pelos diretores daqueles órgãos componentes do C.N.G., professores: FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES e ALÍRIO DE MATOS, respectivamente. Foram percorridas todas as dependências onde lhes foi dado conhecer as realizações levadas a efeito pelo Conselho no campo das pesquisas geográficas e levantamentos cartográficos.



Fig. 7 — O Prof. JOSÉ VERÍSSIMO, secretário-assistente do C.N.G., presta esclarecimentos à Assembléia

No dia 12, domingo, houve a visita ao Monumento Rodoviário, à estrada Presidente Dutra e ao Serviço Gráfico do I.B.G.E., onde lhes foi oferecido um almôço.

Conferências

Paralelamente aos trabalhos da Assembléia, houve duas palestras, uma pronunciada pelo professor ALÍRIO DE MATOS e outra pelo professor FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, a qual publicamos em outro local desta Revista.

Resoluções

Foram aprovadas as seguintes resoluções:

- 284 — Elege os membros das Comissões Regimentais da Assembléia;
- 285 — Determina a consolidação da legislação orgânica do Conselho;
- 286 — Baixa recomendações sôbre a nomenclatura das estações ferroviárias;
- 287 — Aplauda iniciativa do Diretório Regional de Geografia do Rio de Janeiro e faz uma recomendação.
- 288 — Apóia o IV Congresso de Geologia e autoriza a participação do Conselho no mesmo.
- 289 — Recomenda aos poderes públicos competentes a proteção e conservação de grutas naturais e sambaquis.

- 290 — Manifesta a necessidade da atualização dos mapas municipais do país e determina providências.
- 291 — Homenageia a memória de geógrafos brasileiros falecidos no período de julho de 1949 a agosto de 1950.
- 292 — Renova o mandato dos Consultores Técnicos Nacionais e preenche vagas existentes.
- 293 — Expressa pronunciamento sôbre o VI recenseamento geral da República, de 1950.
- 294 — Manifesta-se sôbre a sistemática da divisão territorial do país e formula apêlo.
- 295 — Recomenda aos órgãos regionais a coleta sistemática de documentos cartográficos.
- 296 — Transfere para a próxima sessão da Assembléia Geral o exame e aprovação da divisãp regional do Brasil, para fins estatísticos.
- 297 — Assinala e regista nos anais do Conselho acontecimentos de interêsse para a geografia nacional, ocorridos desde julho de 1949.
- 298 — Dispõe sôbre a tomada de contas do Conselho e dá outras providências.

- 299 — Manda incluir nos anais do Conselho a Carta de Declaração de Princípios, Direitos e Reivindicações Municipais.
- 300 — Aplauda a obra cultural da UNESCO.
- 301 — Dispõe sobre a impressão dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- 302 — Homologa o parecer anexo à resolução n.º 228, de 15 de julho de 1948, da Assembléia Geral.
- 303 — Dirige apêlo ao governo federal para a construção do monumento comemorativo do bicentenário do Tratado de Madri.
- 304 — Reitera as recomendações constantes da resolução n.º 61, de 24 de julho de 1939, sobre a nomenclatura das cidades brasileiras e formula apêlo.
- 305 — Inclui nos anais do Conselho a declaração sobre a raça, elaborada por comissão de peritos da UNESCO.
- 306 — Reelege os membros das Comissões Técnicas eleitos em 1949 e mantém os temas dos estudos já fixados.
- 307 — Dispõe sobre a participação do Conselho no II Congresso de História da Bahia.
- 308 — Dispõe sobre a participação do Brasil às reuniões do Instituto Pan-Americano de Geografia e História.
- 309 — Dispõe sobre o pagamento de quota de representação aos delegados à Assembléia Geral.
- 310 — Concede gratificação pela insalubridade no trabalho tendo em vista a sua natureza, zona ou local onde se executa.
- 311 — Determina a contribuição a ser prestada pelo Conselho aos estudos de recuperação da Baixada Fluminense.
- 312 — Dispõe sobre a execução da carta aeronáutica do Brasil, na escala de 1:1 000 000, projeção Lambert.
- 313 — Autoriza destaques e suplementações de verbas, no orçamento vigente do Conselho.
- 314 — Formula apêlo às entidades interessadas no levantamento geográfico da Amazônia e constituição de um fundo para a finalidade prevista.
- 315 — Consigna um voto de aplauso ao Diretório Regional de Geografia do estado de Santa Catarina e de congratulações ao engenheiro VITOR PELUSO JÚNIOR.
- 316 — Aprova os atos dos Diretórios do Conselho relativos ao período de julho de 1949 a agosto de 1950.
- 317 — Determina a fórmula pela qual serão atualizados os mapas municipais elaborados de acordo com o artigo 13 do decreto-lei n.º 311, de 2 de março de 1938.
- 318 — Determina a publicação de um mapa da região litorânea São Paulo-Rio de Janeiro e vota aplausos ao embaixador MACEDO SOARES.
- 319 — Consigna voto de louvor a servidores da Secretaria-Geral do C.N.G.
- 320 — Dispõe sobre a concessão de licença-prêmio aos funcionários do Conselho.

Encerramento

No dia 12, à noite, realizou-se no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a sessão de encerramento que teve caráter solene. Presidida pelo embaixador MACEDO SOARES, presidente do I.B.G.E., tomaram parte na mesa, o Dr. RUBENS PÔRTO, vice-presidente do Instituto, Dr. RAFAEL XAVIER, secretário-geral do Conselho Nacional de Estatística, Dr. VIRGILIO CORRÊA FILHO, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, Prof. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, secretário-assistente do C. N.G. e Dr. VALDEMAR LOPES, diretor da Secretaria-Geral do I.B.G.E.

Dando início aos trabalhos o embaixador MACEDO SOARES franqueou a palavra ao Dr. VIRGILIO CORRÊA FILHO que leu o seguinte relatório a respeito dos trabalhos da Assembléia Geral no que se refere à ala geográfica:

“Triunfando levemente dos embaraços que lhe ameaçavam perturbar a marcha dos trabalhos, a X Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia pode ufanar-se dos resultados obtidos em menos de duas semanas, nas quais se intercalaram dois domingos e um feriado, que lhes reduziram sobremaneira o número de dias úteis.

Logo de início auspiciosa notícia despertou alegria geral, quando o representante do Ministério da Viação e Obras Públicas, Eng. FLÁVIO VIEIRA, deu ciência ao plenário

da memorável ocorrência que animava os sertões mineiros e baianos.

Ultimada recentemente a ligação Contendas-Brumado-Monte Azul, naquela data se estabelecia o tráfego ferroviário, embora ainda em caráter provisório, entre a capital da República e a Cidade do Salvador. Já não haveria a interrupção que, por longo prazo, separou Montes Claros, estação vanguarda da E. F. Central do Brasil, em Minas Gerais, de Contendas, na Bahia, onde esbarrou a Viação Férrea Federal Leste Brasileiro.

Coube ao Departamento Nacional de Estradas de Ferro promover a junção das fer-

rovias, que só no trecho de Contendas a Monte Azul se alongaram por 359 quilômetros. Relewa notar que os trilhos provieram quase totalmente da Companhia Siderúrgica Nacional, de Volta Redonda, circunstância que realça a inequívoca significação do empreendimento. O elo entre a rede ferroviária do sul do país e a do norte, que então se estabeleceu, em benefício da hinterlândia do Brasil inteiro, mereceu os justos aplausos da Assembléia, cujos trabalhos destarte se iniciaram ao calor de compreensível entusiasmo patriótico.

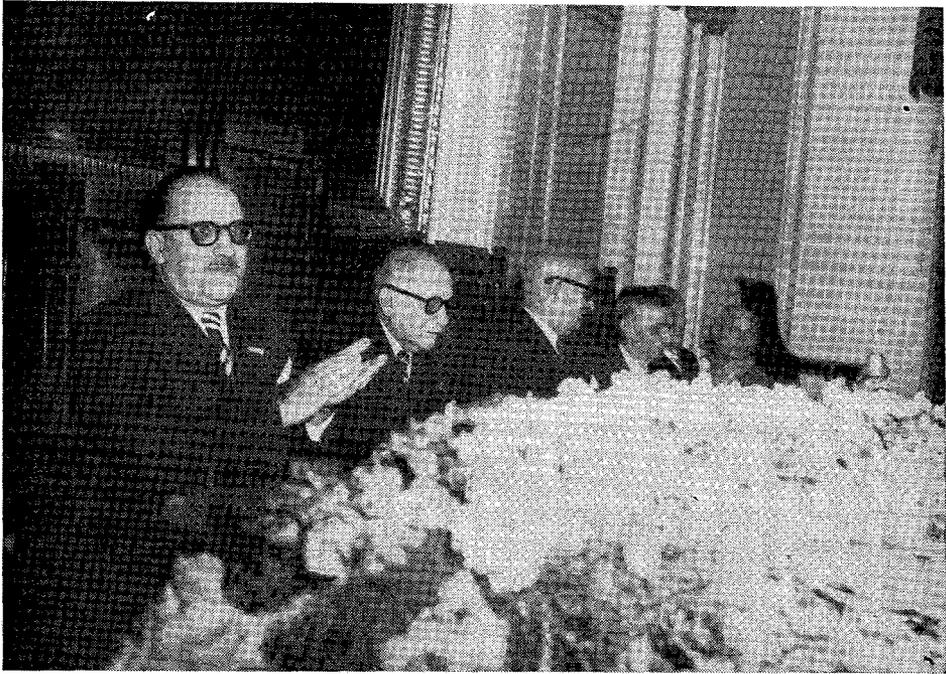


Fig. 8 — A sessão de encerramento teve a presidência do embaixador MACEDO SOARES

Decidida a provar a sua eficiência, extermou-se pela assiduidade ativa dos delegados, empenhados em contribuir para o cumprimento das relevantes funções, que lhes tocam na organização geográfica brasileira.

E tanto porfiaram, compensando a escassez do prazo previsto para as sessões, que ultimaram resoluções em número avultado, sem prejuízo da qualidade.

De quarenta projetos examinados, nem todos porém se transformaram em resoluções. No intervalo das sessões, visitaram os delegados mais de uma instituição, em que lhes foi dado observar as fases da elaboração de trabalhos indispensáveis à geografia. Primeiramente, conheceram o Serviço Nacional

de Recenseamento, em cuja chefia RAFAEL XAVIER desenvolve operosidade fecunda, para garantir o êxito do censo de 1950, coadjuvado por competente corpo de colaboradores dedicados.

Viram, em outra ocasião, o Serviço Geográfico do Exército, cujo diretor, general DJALMA POLI COELHO, lhes proporcionou cativante acolhida. Acompanhados pelos coronéis MOISÉS CASTELO BRANCO e NÉLSON DE CASTRO SENA DIAS, percorreram as várias divisões pelas quais se distribuem as atividades respectivas — “geodésia e astronomia — topografia e topologia — fotogrametria e aerofotogrametria — cartografia”. Desde as cadernetas de campo, em que se registam as observações

dos operadores, com os cálculos ulteriores e desenhos, que lhes permitem a utilização, até a fase final, da carta impressa, tudo lhes foi franqueado ao exame e admiração, de que se fez intérprete o representante do Espírito Santo, CÍCERO DE MORAIS. Também decidiram os delegados conhecer a Divisão de Geografia, do Conselho, no mesmo edifício em que se realizaram as sessões da Assembléia.

E a impressão que lhes causou tornou-se conhecida, mercê das declarações enaltecedoras do representante de Santa Catarina, PELUSO JÚNIOR, que lhe gabou a organização e desenvolvimento dos trabalhos, orientados por metodologia moderna.

Mais demoradamente apreciaram as oficinas gráficas do I.B.G.E., onde almoçaram no domingo último, destinado à excursão pela Estrada Presidente Dutra, que, sem dúvida, constitui excelente prova de aprimorada técnica rodoviária, como tiveram ensejo de verificar. Primeiramente, através da planura onde se expandem os subúrbios, já flanqueada de edificações, cujo número tende a crescer, com a facilidade de transportes a que atende.

Em seguida, ainda pela estrada antiga, marinhando pelas encostas das primeiras elevações da serra do Mar, balizadas pelo Monumento Rodoviário.

Entre as visitas, uma se distinguiu pela sua expressão francamente afetuosa, de acordo com a tradição mantida pelas Assembléias Gerais. Trabalham separadamente, mas uma comparece, em hora aprazada, à sessão da outra, para lhe demonstrar sentimento fraternal. Foi o que sucedeu, quando em nome do C.N.E., FILIPE NÉRI, interpretando os propósitos de ilustres colegas de comissão, maravilhou, com sua eloquência, a Assembléia de Geografia, que lhe respondeu pela voz ponderada do professor ALFREDO MONTES DE ARAÚJO PINTO. Em retribuição, assistiu à sessão da Assembléia de Estatística, no sábado último, a delegação da ala geográfica, de que foi intérprete o coronel ADIR GUIMARÃES e os discursos proferidos pelos oradores, nessas oportunidades, revelaram a cordialidade que irmana ambas as alas do Instituto.

Além das visitas mencionadas, por duas vezes compareceram os delegados à sala de conferências do I.B.G.E., para ouvirem a palavra autorizada de professores, que explanaram assuntos de suas constantes investigações.

Palestras — Na tarde de 5, o professor FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES,

diretor da Divisão de Geografia, dissertou a respeito das atividades geográficas desenvolvidas pelo Conselho Nacional de Geografia, ou, mais restritamente, pela Secretaria-Geral, pois que não considerou as que foram executadas pelos órgãos regionais, por lhe faltar informação atualizada.

Estabelecida a diferença de âmbito entre a geografia e a cartografia, que andavam irmanadas até o século XIX, apontou-lhes a separação ulterior como simples consequência da divisão de trabalho.

Uma, cuida de preferência, da mensuração da terra, em maior ou menor extensão, para lhe sintetizar as feições em mapas e cartas, e exige, precipuamente, a preparação matemática.

A outra examina-lhe as paisagens e fenômenos distribuídos pela sua superfície, para lhes explicar a ocorrência e interpretá-los.

À luz dos ensinamentos de HUMBOLDT, de RITTER, que lhes instituíram os princípios fundamentais, avultou, com seus métodos próprios de pesquisa e postulados, como ciência independente, embora intimamente relacionada com as ciências naturais, que lhe proporcionam meios de estudar a vegetação, a geologia, o clima e demais elementos indispensáveis às suas conclusões, e também com as ciências sociais: a economia, sociologia, antropologia, etc. Apesar da relevância adquirida nos grandes centros universitários estrangeiros, continuava no Brasil adstrita aos moldes antigos, até que surgiu o Conselho Nacional de Geografia, simultaneamente com a atuação de professores insígnies em cátedras fecundas nas Universidades de São Paulo e do Distrito Federal.

Começou a transformação, que em menos de uma década mudou profundamente o panorama.

O Conselho criou, de comêço, promissora Secção de Estudos, que foi crescendo, mercê de novas solicitações de trabalho até se converter na atual Divisão de Geografia.

Tanto opera no campo, como igualmente no escritório. Observa e conclui, ora por iniciativa própria, de ordem puramente científica, ora para atender às determinações oficiais. E assim é que entre as tarefas que ultimou, incluiu-se a delimitação dos territórios federais, de cuja criação não participou, senão posteriormente, para lhes ajeitar as divisas às condições geográficas. Ocupou-se também dos estudos preliminares para a escolha do local mais apropriado à futura capi-

tal do Brasil, constantes de relatórios minuciosos.

Elaborou mapas indicativos da distribuição demográfica, assim como das propriedades rurais, da indústria pastoril, das culturas de cereais, de café, da cana de açúcar, devidamente comentados na ocasião.

Aos movimentos da população, todavia, no tempo e no espaço, vem dedicando esforços ininterruptos, para definir as tendências migratórias no país, entre uma contagem e outra.

O confronto dos resultados obtidos pelos recenseamentos de 1920 e 1940 permitiu a representação cartográfica de zonas de crescimento mais ou menos intenso, em contraste com as que regrediram demograficamente.

Os problemas da colonização, articulados com os métodos de utilização do solo, atraem-lhe também as cogitações, conforme indica o atlas respectivo, que se acha em fase de elaboração.

Por solicitação oficial, ainda examinou o território do Amapá. Está investigando o vale do São Francisco e planeja proporcionar ao governo fluminense elementos orientadores do aproveitamento racional da Baixada.

Das excursões realizadas, a Divisão de Geografia registou, somente no último quinquênio:

- 1946 — uma, de que participaram apenas 3 técnicos;
- 1947 — quatro, com 32 técnicos;
- 1948 — nove e 29 respectivamente;
- 1949 — nove e 32;
- 1950 — treze e 38.

Nessas várias jornadas exploradoras, o percurso alongou-se por 155 mil quilômetros, em que se incluem os trilhados a pé, em cuidada indagação dos fenômenos locais.

Além do melhor conhecimento geográfico das regiões examinadas, expresso em cerca de 68 contribuições, lucra o Conselho e, portanto, o Brasil, em aumentar o número de especialistas capazes de auxiliar a administração, com o resultado de suas pesquisas orientadas por modernos princípios científicos.

Para tamanhos cometimentos, necessita mobilizar especialistas bem treinados, que saibam ver e concluir. Esta é a missão educativa do Conselho, que prepara os seus operadores para a prática dos mais modernos métodos, mercê dos cursos de aperfeiçoamento, ou em Universidades americanas e européias, a que foram vários deles ou pela atuação

mais constante e proveitosa de professores estrangeiros, do estôfo intelectual de F. RUELLAN, de L. WAIBEL, de P. JAMES, de C. JONES, que trabalharam, em prazo maior ou menor, sob os auspícios da instituição *sui generis*, que ao conferentista se afigurou única no mundo, pelas suas características.

As iniciativas que em outros países cabem às Universidades, realiza-as, no Brasil, o Conselho, que desta maneira completa o ensino ministrado pelas Faculdades de Filosofia, duas das quais contaram em seu corpo docente o admirável animador dos estudos geográficos, professor Deffontaines, que exerceu influência benéfica na preparação do ambiente cultural propício ao surto do Conselho Nacional de Geografia.

De mais a mais, ainda se lhe expande a função educativa por meio de outros órgãos, como a Biblioteca, o Arquivo Corográfico, a Fototeca, reunidos na Seção de Documentação, que elaborou 18 volumes de "Vocabulários Geográficos do Brasil", ainda inéditos.

Mais diretamente, com análogos propósitos, atua a Seção Cultural, por meio dos cursos de férias destinados a professores de geografia, em cooperação com a Faculdade Nacional de Filosofia, ou com a sua responsabilidade exclusiva.

E para os que não podem, por qualquer circunstância, frequentá-los, ainda proporciona o Conselho possibilidades de adquirir maiores conhecimentos, mercê das numerosas publicações que vem editando.

Seriadas, como as obras da *Biblioteca Geográfica Brasileira*, de que já vieram a lume 7 volumes, ou avulsas, ou ainda periódicas, do feitio da *Revista Brasileira de Geografia*, trimestral, que já venceu o primeiro decênio de existência, do *Boletim Geográfico*, mensal, contribuem tôdas para a difusão dos ensinamentos da geografia moderna e levam aos centros universitários estrangeiros, que os têm apreciado, a prova de que no Brasil se lhes praticam os preceitos, mercê dos persistentes esforços do Conselho Nacional de Geografia.

Da segunda conferência, incumbiu-se o diretor da Divisão de Cartografia, professor ALÍRIO DE MATOS, que explanou o tema referente às "atividades cartográficas" do Conselho.

Distinguiu-lhes, de princípio, duas aplicações, em serviços geodésicos e em produção de mapas.

Entrosam-se às maravilhas, mas podem também desenvolver-se independentemente.

A produção abrange o levantamento do mapa, desde a mensuração, até o desenho e impressão. Provém da compilação, que tanto é utilizada nas cartas de um para um milhão, como em outras, de um para quinhentos mil, ou nas cartas especiais.

Os trabalhos geodésicos, para maior fidelidade na representação da área examinada, estabelecem pontos de amarração, e incluem a Secção de Levantamentos Mistos, que já se aplicaram a 2/3 do território baiano, e permitiram a apresentação de 13 fôlhas impressas na escala de 1:250 000, com 95% do trabalho original, e mais duas prontas para publicação e três em elaboração adiantada.

Os processos expeditos, com o contrôle de coordenadas geográficas e levantamento aerofotográfico "trimetrogon", ampliaram-se pelas regiões vizinhas, por grande parte dos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Piauí e Goiás, depois de envolver quase toda a bacia do São Francisco e a área de influência da cachoeira de Paulo Afonso, assim proporcionando fundamentos seguros para os projetos de recuperação econômica do vale essencialmente brasileiro.

A triangulação alongou-se de Tôrres, no Rio Grande do Sul, por cerca de 1 400 quilômetros, a Goiânia, aproximadamente acompanhando o meridiano de 49°, com medição geodésica do maior arco dessa espécie já realizada na América do Sul, além de várias ramificações pelos paralelos 20° e 25° sul.

O nivelamento de alta precisão dilatou-se por 9 000 quilômetros, de sorte que as regiões percorridas dispõem de altimetria segura, que lhes define os acidentes.

Tôdas essas tarefas convergem, sem dúvida, para a elaboração de mapas, de que tanto necessita o país. Mas também se recomendam pelo seu valor científico, uma vez que podem contribuir para o melhor conhecimento do próprio geóide, a que se aplicam. Entre o elipsóide admitido pelos especialistas, como indicativo da forma do globo, e as características que o definem, em cada ponto, pelas coordenadas, verificam-se por vezes anomalias, cuja explicação exige investigações cuidadosas e demoradas.

A Divisão de Cartografia já deparou uma divergência dessa espécie, ao medir uma das bases em Santa Catarina, entre a praia

e a massa montanhosa que lhe corre paralelamente. A diferença verificada em operações esmeradas e repetidas evidenciou a incidência de componentes inesperados, provenientes das peculiaridades regionais.

A partir de 1941, o Conselho Nacional de Geografia editou: 19 mapas, inclusive o de nove côres, na escala de 1:5 750 000, e o recente, na de 1:5 000 000.

27 cartogramas:

15 fôlhas da carta geral, na escala de 1:1 000 000;

9 fôlhas da carta geral, na escala de 1:500 000;

13 fôlhas da carta geral, na escala de 1:250 000.

Assim contribui o Conselho Nacional de Geografia para o conhecimento mais exato do Brasil.

Despedida — Soou a hora da despedida, sombreada de tons melancólicos.

O convívio, que se tornara amistoso, em dias contínuos de trabalhos perseverantes, interrompe-se pela dispersão. Cada delegado regressará à sua terra natal, ou retornará aos misteres costumeiros, lembrados, porém, destes dias inesquecíveis, que lhes permitiram conhecer novos amigos e rever os antigos, habituados a missão análoga. Veteranos ou estreatantes, porfiaram em ultimar a tarefa que os congregou, inspirados pelo mais radioso idealismo, esquecidos das inquietações da hora que passa.

E acertaram providências, tanto de efêmera duração, como as que se destinam a permanecer.

De influência limitada às regiões a que se referem, ou de âmbito mais amplo, transbordam algumas para além das fronteiras.

A organização das Comissões Técnicas, a renovação do mandato dos Consultores Técnicos Nacionais, a eleição da Comissão de Orçamento e Tomada de Contas, que deverá atuar no próximo exercício, de acôrdo com as novas normas adotadas, arrolam-se entre as medidas destinadas a vigorar por limitado prazo.

Consideraram outras, a premência da proteção dos sambaquis e grutas, a necessidade manifesta do estudo mais intenso de mais de uma região e de reforçar o apêlo aos estados que não completaram ainda a sua divisão administrativa.

No tocante à cartografia, cuidou a Assembléia da atualização dos mapas municipais, da publicação do mapa da região litorânea

São Paulo-Rio de Janeiro, elaborado pela Comissão Mista de Limites, da elaboração das cartas de 1:1 000 000, projeção Lambert, cuja relevância a Assembléa acentuou, por aplausos unânimes.

Embora se aplique ao território nacional, esta resolução terá alcance internacional, pois que dispõe sobre a execução de cartas aeronáuticas, de acôrdo com o sistema adotado para a navegação aérea, praticada, no Brasil, por várias companhias que o ligam aos países estrangeiros.

Semelhantemente, para prestar a sua contribuição ao longe, tratou a Assembléa de promover a participação do Brasil na V Assembléa do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, em Santiago, de aplaudir a obra cultural da UNESCO, de perfilhar a declaração sobre a raça, elaborada por seus peritos.

Mereceu-lhe aplausos a iniciativa tomada pelo respetivo Diretório Regional, ao editar o *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, bem como ao do estado de Santa Catarina, por ter publicado o *Boletim Geográfico*, de números 1 a 4.

Apoiou, ainda, o IV Congresso de Geologia, a reunir-se em outubro próximo e o 2º Congresso de História da Bahia, promovido para fevereiro de 1951, cujo temário abrange assuntos geográficos.

Desta maneira, evidenciou a Assembléa inequívoco propósito de incentivar empreendimentos culturais, de que ainda é exemplo a decisão de publicar os *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, constituída de especialistas abnegados e competentes, que realizam pesquisas interessantes, ainda conservadas inéditas, por falta de disponibilidades financeiras.

Assim, estudos geográficos da Baixada Fluminense, para fins de colonização racional, da Amazônia majestosa, cartas aeronáuticas, mapas municipais, participação em reuniões culturais, entraram nas cogitações da Assembléa, que não se descuidou do lado humano do trabalho.

E instituiu melhoria de condições para os servidores do Conselho, cujas tarefas se executam em ambiente insalubre. As questões que lhe foram propostas, a Assembléa resolveu-as com a convicção de não haver outra solução melhor.

Decidiu dotar o Conselho Nacional de Geografia de firmes diretrizes para os trabalhos futuros e pode alegrar-se de ter contri-

buído para que o nome do Brasil cada vez mais se aureole de glórias científicas, mercê do devotamento à missão que lhes coube, dos colaboradores que se dedicaram às pesquisas geográficas e cartográficas, levadas por insopitáveis aspirações de apreender as verdadeiras peculiaridades da terra brasileira e da gente que a povoa.

E quanto mais se elevarem no conceito dos sabedores, maiores vantagens colherá o Brasil, a cujo engrandecimento, no âmbito de suas atribuições, se consagra o Conselho Nacional de Geografia, com todos os seus esforçados obreiros."

Falou em seguida o comandante ALEXAMDRINO DE PAULA FREITAS SERPA, representante do Ministério da Marinha, junto à ala geográfica, apresentando as despedidas da delegação federal, pronunciando o seguinte discurso: "Exm.º Sr. presidente do I.B.G.E. Exmos. Srs. delegados estaduais. Digníssimos componentes da mesa. Minhas senhoras. Meus senhores: Transcorrem os últimos instantes da X Assembléa Geral do I.B.G.E. Num movimento bastante significativo para nossa vida cultural, vieram de todos os recantos de nossa muito amada pátria, os elementos representativos das atividades geográficas e estatísticas para, numa espécie de mesa redonda, contarem o resultado de seus trabalhos, estudos e experiências. E nos doze dias em que estiveram reunidos, pôde o país apreciar não somente as palavras de cada um, mas principalmente a ação que, em matéria de geografia e estatística, se desenvolveu nos mais distantes pontos do território nacional. Palavra e ação, sobretudo ação.

Sim meus senhores, porque a despeito das lutas e dificuldades características dos países que ainda se estão formando, vimos realizarem-se em todos os estados da União, os trabalhos de pesquisas no campo da ciência, cujo objetivo principal é a perfeita integração do homem na terra em que vive, dela tirando todos os proveitos e recursos, para que sua vida seja mais compatível com a sua dignidade. Ouvimos relatórios em que nos foi dado conhecer um vasto plano de realizações no campo de geografia humana, do setor econômico, da geografia e estatística. Aprendemos, pela análise de resultados que nos foram oferecidos, que neste país não há mais regiões longínquas; que num futuro, queira Deus, não muito distante, não haverá mais as enormes áreas desconhecidas que nos

são ao mesmo tempo motivo de orgulho e decepção. E formamos esta idéia porque delineado está um plano de trabalho; porque podemos aquilatar a sinceridade dos que nêle empregam seu saber e suas atividades; porque, enfim, vive neste imenso país o desejo de um índice intelectual elevado, sem o qual não seríamos capazes de tirar do solo as riquezas que êle nos reserva.

“Um índice de cultura elevado”. Meus prezados companheiros das delegações estaduais, se, por um lado, vejo as nossas possibilidades promissoras, não posso esquivar-me, por outro, ao reconhecimento de uma dura verdade: o nosso país forma entre aquêles onde o grau de instrução é baixo; onde milhares e milhares de irmãos nossos vivem em condições primárias, com a visão obstruída pelo analfabetismo, com o raciocínio atrofiado por um meio que, podendo ser suave, é, entretanto, hostil; e porque o meio hostiliza o homem, êste se vê, quando alguma luz o ilumina, no desejo de fugir, na fobia da terra que o viu nascer, e, em consequência, emigrar. E o resultado é de todos nós conhecido: o êxodo de populações, o abandono de cidades, o acúmulo nos grandes centros, que transformam em áreas de densidade demográfica, às vêzes alarmante, porque representam a rarefação no interior. É o fenômeno exatamente inverso do que pretenderam realizar os nossos antepassados, possuidores que eram de uma extraordinária visão no tocante ao aproveitamento da terra. Eu não tenho dúvida, meus senhores, de que isto decorre em grande parte do desejo natural que tem o homem de melhorar as suas condições de vida, que provém da tendência peculiar à sua natureza, de se tornar um elemento civilizado, operando, também, em pequena parte que seja, como elemento civilizador. Mas se, por um lado, reconheço a naturalidade dêsse anseio, por outro não posso justificar os processos empregados para realizá-lo. Porque êsses processos representam o desequilíbrio, e o desequilíbrio é perigoso para um país como o nosso, que se estende de um a outro hemisfério e abrange uma quantidade incomum de graus de longitude. E é por isso que encaro com a maior das simpatias os movimentos culturais da espécie do que se acaba de realizar. Fizestes muito em vossos estados: uns naturalmente se dedicando mais ao aspecto econômico do problema; outros desenvolvendo ação no plano dos transportes, esta indispensável alavanca

do progresso; e uma terceira parte, ainda, saneando e instruindo; todos, porém, unânimes em lutar por uma realização básica, pelo verdadeiro fundamento de tôdas as pesquisas e estudos: a cartografia de nosso país. Porque sem êste elemento, o mapa como o chamais em terra, a carta, como dizemos nós, homens do mar, não pode o geógrafo realizar a missão que lhe cabe no conjunto das atividades do país. E, ao fazer esta referência, quero ter uma palavra de estímulo e simpatia para êsses nossos companheiros das turmas de campo, equipe abnegada a que tive a honra de pertencer no trabalho árduo na tarefa de firmar os alicerces de todo êste majestoso edifício que se está agora construindo no Brasil.

A êsse respeito, meus senhores, não será de mais dizer que muito nos falta realizar; será oportuno mesmo, sem que nisso vá nenhuma intenção derrotista, afirmar ser o muito que fizemos, pouco em face do que nos falta cumprir; porque a nossa terra é imensa, em grande parte inexplorada, cheia de montanhas que detêm o passo do geógrafo, da mesma forma que interceptam as visadas que os observadores procuram fazer para servir de base à representação cartográfica. Mas não descurastes também dêste aspecto do problema: fostes ao contrário, unânimes em lhe reconhecer a prioridade.

De um Brasil cartografado resultará, evidentemente, um Brasil forte; porque em nossas cartas marítimas não mais aparecerão, sem qualquer desrespeito ou menosprezo pelos nossos antecessores na hidrografia, que ao contrário só merecem a nossa veneração, não mais serão visíveis as linhas pontilhadas características da conta imperfeitamente levantada; e, em consequência, não haverá mais o receio das aterragens, daí resultando maior segurança e rapidez no transporte marítimo; porque, de posse da representação fiel do solo, poderá o geógrafo efetuar com muito maior rendimento, as suas pesquisas no domínio da geografia econômica e da geografia humana. E nenhum de nós ignora o que isto representa para a nossa pátria: a exploração racional da terra, o equilíbrio das relações comerciais, o conceito, a segurança; uma nação enfim.

Além do aspecto cultural que apresentou ao país a X Assembléia Geral do Instituto, um outro há que não devemos esquecer pelo muito que representa para nossa vida como nação; refiro-me à unidade de vistas, ao congraçamento de idéias que ti-

vemos oportunidade de realizar, tornando próximos, verdadeiramente irmãos, elementos que residem nos mais variados pontos do país. E esta união é, principalmente no momento que atravessamos, um dos mais eficazes baluartes da nossa personalidade como nação. Herdamos de nossos descobridores não somente uma vasta área, mas também um grandioso exemplo: a ação profícua no sentido de tornar uno e indivisível um território que apresenta as mais variadas condições de clima e de características geofísicas.

A minha profissão me tem dado ensejo de visitar quase todos os estados que representais; tenho tido oportunidade, e disso guardo lembrança inesquecível, de ver e sentir os hábitos de cada um dos lugares de onde viestes; de assistir às festas de Nazaré, como de participar de um alegre churrasco; de visitar as igrejas históricas da Bahia, onde se guardam verdadeiras relíquias de nossa formação social, como de admirar o progresso sempre crescente do território bandeirante; de ver o gracioso deslizar das jangadas nordestinas e admirar a bravura de seus tripulantes, meus irmãos no mar, de conhecer enfim, toda a faixa litorânea não somente no que se refere a seus centros de civilização como também nas suas maravilhosas praias que se estendem a perder de vista, pela quais lançamos as nossas rédes de triangulação, no afã de dar ao navegante os elementos com que possa traçar uma rota segura; e nessa peregrinação agradável que, nos períodos de férias, procuro estender aos estados do interior, sempre encontro o acolhimento fraternal a franqueza dos que são simples, a proverbial hospitalidade que o estrangeiro já conhece e admira. E' esse movimentar freqüente de norte a sul do qual resulta o contacto permanente com todos os hábitos, todos os climas e todas as regiões do país, numa idéia de brasilidade sem qualquer regionalismo, que considero uma das mais importantes missões da Marinha em tempo de paz; esse movimentar incessante sempre me dá uma sensação de conforto e tranqüilidade, porque sempre me faz chegar à conclusão de que o Brasil é brasileiro. Pois bem, meus senhores, esta oportunidade de aproximação que a minha vida um tanto nômade, me tem dado, eu a encontro agora, também, nas atividades da geografia e da estatística.

E é justamente este aspecto, de unir brasileiros de norte a sul, num caldeamento

de idéias indispensável à nossa política, à nossa soberania e à nossa eficiência como nação, é justamente este aspecto que desejo salientar ao vos dirigir a minha saudação de despedida. De despedida propriamente não: porque não me ocorre a idéia de vos dizer "adeus" e sim "até breve"; porque embora distantes no espaço, estaremos próximos no terreno das idéias nesse desejo de trabalhar para o engrandecimento desse país que tanto amamos, nesta preocupação de unir pelos laços do espírito todas as regiões que integram o solo pátrio.

Meus prezados companheiros das delegações estaduais, a vossa passagem pelo Rio de Janeiro foi desta vez caracterizada, também por um fato curioso: fostes saudados por ocasião de vossa chegada, por um dos mais antigos membros da representação federal na ala geográfica do Instituto; e agora ouvis a palavra, que não tem o mesmo brilho, do mais moderno dos componentes daquela representação. Não vos falei repito, com eloquência, que não a tenho; disse-vos, porém, o que sinto; ou melhor o que sente o Diretório Central, que tenho a honra de representar, ao ver o vosso retorno às atividades habituais. Acreditai-me que vos falei sinceramente; que usei a mesma franqueza que tendes ao receberdes o visitante que surge em vossas terras; e permiti-me que a estes votos de "boa viagem" eu junte um outro: que na reunião vindoura possamos acrescentar à fôlha já extensa de serviços da organização ibgeana, mais este: a realização prática de tudo o que projetamos nesta Décima Assembléia, para que, passo a passo, tornemos mais humanas as condições de vida e em consequência mais vivo o sentimento de humanidade nas populações do interior; para que, persistente e metódicamente, trabalhem no sentido de dar aos que vierem depois de nós um Brasil maior e melhor, um Brasil que não seja um gigante apenas pela própria natureza, mas também pelo valor de seus filhos".

Em nome das representações estaduais, pela ala geográfica, fêz uso da palavra o Sr. ERNESTO CRUZ, delegado do Pará, proferindo o discurso transcrito abaixo:

"Exm.^o Sr. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Meus senhores. Minhas senhoras.

Quando se iniciou na Amazônia o processo da colonização, duas grandes bandeiras se formaram para percorrer aquêles rios

imensos e desconhecidos, aquelas ínvias e misteriosas terras.

Uma era a da conquista espiritual; outra a da exploração e aproveitamento do vale.

Missionários de Cristo e soldados del Rei, iniciaram, juntos, naquela fase primária da história do norte do Brasil, o trabalho do amanhã das almas e da submissão da terra.

Quem quer que atente para aquela passagem empolgante, que foi a penetração do português no errendilhado amazônico, há de sentir o trabalho, a conseqüência, o drama que despenderam e viveram os que para ali foram, para cantar a cruz de Cristo e solidificar o domínio da Coroa.

A conquista da terra e a conquista espiritual do índio, têm fornecido aos estudiosos dos temas brasileiros, assunto para revelações interessantes e oportunas, porque firmadas em documentário pouco conhecido.

E quando isso acontece, já vemos conduzindo os obreiros daquelas formidáveis jornadas, as figuras admiráveis de frei CRISTÓVÃO DE SÃO JOSÉ, padre ANTÔNIO VIEIRA e PEDRO TEIXEIRA.

Embora três séculos nos separem daqueles dias tumultuosos da conquista, sentimos que ainda hoje se arregimentam as Bandeiras, como no século XVII, para o trabalho da penetração, à cata do desconhecido, em busca de soluções e no estudo de novos aspectos do geografia nacional. Agora melhor aparelhados do que aquêles audazes debravadores, e melhor sentindo o ambiente pátrio, ligados na esplêndida tarefa de revelar o Brasil aos olhos do mundo.

O que tem sido o trabalho árduo, fatigante e patriótico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, através dos seus órgãos especializados nesse intuito benemérito de estudar a unidade nacional nos seus aspectos, bem podemos compreender e sentir.

Essa preocupação de revelar pormenores que constituem, inegavelmente, a polpa saborosa e farta da história de todos os povos, vem sendo mantida com aquêles espírito, que fez certa ocasião o iluminado padre ANTÔNIO VIEIRA, proclamar do púlpito, que melhor compreendiam os fiéis vendo, do que lhes contando.

A oportunidade que tivemos, — nós os representantes dos estados, na Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia —, de revelar os trabalhos dos Diretórios Re-

gionais a que pertencemos, numa prova inequívoca de quanto vai por aí afora o amor pelo Brasil, é o testemunho de que ainda não se apagou nas nossas tradições, o sentido altruístico das Bandeiras. Agora, é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sob a notável direção dêsse destemido bandeirante, que é o senhor embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, que promove, como naqueles idos do século XVII, a penetração através do Brasil, à procura de pormenores de motivos de características novas, que revelem a terra e o homem e nos dêem a oportunidade de estudá-los, minuciosamente.

Essa a impressão que nos deixou a X Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia.

É êste o ambiente onde se reúnem os homens que trabalham afincadamente pela cultura brasileira, no campo geográfico tão vasto e tão cultivado que dá gôsto penetrá-lo. Não foi à toa que invoquei, com as minhas primeiras palavras, a fase primária da conquista da Amazônia.

E' que, embora vá longe da colonização, apagados os seus vestígios, pouco lembrados os seus heróis, o ideal que os animou na jornada, ainda é o mesmo que fortalece e impulsiona os responsáveis pelos destinos patrióticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vejo que o tempo — através dos trezentos anos que nos separam daqueles episódios —, não modificou, neste particular, o espírito dos homens daquele e dêste século.

Ainda hoje se armam as Bandeiras, que vão à procura de novos aspectos do Brasil histórico e geográfico.

Temos na revelação dêsses trabalhos que o I.B.G.E. organiza e estimula, o molde da nossa pátria, com tôdas as suas possibilidades, as suas riquezas, a sua potencialidade econômica, as suas cidades, os seus rios, os hábitos de cada região, os costumes do povo, o sumário, enfim, do que precisamos conhecer, para compreender melhor o Brasil.

Que Deus sempre ajude e abençoe os que assim fazem! Em nome dos delegados das unidades brasileiras que se fizeram representar na X Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, apresento ao senhor embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES e aos auxiliares de S. Excia. nessa benemérita instituição, os nossos agradecimentos e os nossos aplausos, pelas atenções que recebemos e pela obra que S. Excia. conseguiu estabelecer.

E vamos satisfeitos, creiam todos, porque, como aquêles colonos del Rei de que falava o jesuíta do púlpito da igreja de Santo Alexandre, o que vimos nos impressionou de de tal modo, que jamais nos sairá do espírito e do coração”.

Pela Assembléa de Estatística falaram os Srs. GASTÃO QUARTIM PINTO DE MOURA,

representante do Ministério do Trabalho, e FILIPE NÉRI, representante do estado da Bahia em nome da representação regional.

Por fim falou o embaixador MACEDO SOARES, ressaltando o significado dos resultados obtidos durante o funcionamento das Assembléas Gerais de 1950.

Seminário sôbre o ensino da Geografia e a compreensão internacional promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (U.N.E.S.C.O.)

O seminário reuniu-se de 12 de julho a 23 de agosto, do corrente ano, tendo por sede o Macdonald College (dependência da Universidade McGill), situado a cerca de 30 quilômetros de Montreal, junto à vila franco-canadense de Sainte Anne de Bellevue.

Participaram dos trabalhos 44 geógrafos, professores de Geografia e pedagogos, representando 23 países. A direção geral do seminário foi confiada pela UNESCO ao Prof. CARLOS M. DELGADO DE CARVALHO, (da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto de Educação; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, diretor da Secção Cultural deste mesmo Conselho).

Participaram do seminário, como representantes do governo brasileiro designados pelo Ministério da Educação e Saúde os professores HILGARD O'REILLY STERNBERG (das Faculdades Nacional e Católica de Filosofia e do Instituto Rio Branco; consultor técnico do Conselho Nacional de Geografia) e FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA (do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação; membro do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia e membro do Conselho Nacional de Educação). Também participou dos trabalhos do seminário, o professor JORGE ZARUR (do Conselho Nacional de Geografia; secretário-geral da Comissão de Geografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História).

O programa do seminário, em sua forma final, previu duas séries de grupos de estudo, a saber:

Série A — Estudo do ensino da Geografia por grupos de idade.

Grupo I : crianças de 5 a 8 anos;

Grupo II : crianças de 8 a 12 anos;

Grupo III: preadolescentes;

Grupo IV: adolescentes;

Grupo V : formação de professores;

Série B — Estudo dos principais aspectos do ensino da Geografia.

Grupo I : Geografia e compreensão internacional;

Grupo II : A Geografia e as Nações Unidas;

Grupo III: Programas, métodos, horários, verificação da aprendizagem;

Grupo IV: Material didático;

Grupo V : Informação profissional e científica dos professores em exercício.

Os temas, desenvolvidos nas reuniões de grupo, convenientemente completadas pelo trabalho individual dos participantes, foram debatidos nas reuniões gerais. A título de exemplificação, reproduzem-se a seguir os planos gerais de trabalho elaborados para três dos dez grupos de estudo.

Série A — Grupo IV: Ensino da Geografia a alunos de 15 a 18 anos.

Chefe do grupo: ROBERT FICHEUX, professor de Geografia no Lycée Carnot (Paris); autor do livro *L'Enseignement de la Géographie; Quelques Conseils et Sugestions* (Volume VII da coleção “Vers la Compréhension Internationale”, publicada pela UNESCO), o qual serviu de base para o debate de uma parte dos tópicos ventilados no seminário.

1. *Documentação sôbre o assunto.*

Como é organizado e repartido o ensino da Geografia nas diversas categorias de esta-